

LETTRES PORTUGAISES TRADUITES EN FRANÇAIS (1669): A CRÍTICA OITOCENTISTA E OS ESTUDOS RETÓRICOS E POÉTICOS

RESUMO

O presente artigo visa trazer à luz a fortuna crítica oitocentista da narrativa epistolar *Lettres Portugaises Traduites en Français* (1669), contraposta à perspectiva retórico-poética do século XVII. Essa obra é composta por cinco epístolas que figuram e relatam, com intensa carga dramática, a paixão vivida por uma freira portuguesa, de nome Mariana, e um oficial francês que serviu em território luso. Em razão da visão difundida pela crítica oitocentista ou romântica, as figuras da suposta autora e de sua personagem passaram a fazer parte do imaginário do leitor, de modo que ainda hoje a obra é lida como documento “real”. Em contrapartida, a ótica seiscentista parte do princípio que essas práticas letradas mimetizam os autores antigos gregos e latinos, moldando-se a partir deles. Essa linha de estudos retórico-poéticos busca afastar análises embasadas em supostos dados biográficos, observando a obra a partir de seu contexto de produção, da noção de gênero e tentando compreendê-la como parte das letras seiscentistas, sendo composta, portanto, de acordo com os preceitos retórico-poéticos antigos e modernos vigentes no século XVII. Este artigo apoia-se em autores como Hansen (1995; 2013; 2017), Carvalho (2007), Augusto (1996) e Amora (2008), para sua composição teórica.

Palavras-chave: *Lettres Portugaises*; crítica oitocentista; letras seiscentistas.

LETTRES PORTUGAISES TRADUITES EN FRANÇAIS (1669): EIGHTEENTH CENTURY CRITICISM PLUS RHETORICAL AND POETIC STUDIES

ABSTRACT

The present article aims to bring to light the critical fortune given to the epistolary narrative *Lettres Portugaises Traduites en Français*, in counterpoint to the interpretation on the texts of the period developed by the Sixteenth Century Studies. Composed of five epistles that appear and report, with intense dramatic charge, the passion experienced by a portuguese nun, named Mariana, and a french official who served in Portuguese territory. Because of the vision spread by nineteenth-century or post-romantic criticism, the figures of the supposed author and her character became part of the reader's imagination, so that even today the work is read as a real document. In contrast, the seventeenth-century perspective assumes that these literate practices mimic the ancient greek and latin authors, shaping themselves from them. This line of studies seeks to focus on the text itself, discarding the analyzes based on supposed biographical data, observing it from its context of production, the notion of gender and trying to understand it as part of the seiscentistas letters, being composed, therefore, according to the ancient and modern rhetoric-poetic precepts in force in the seventeenth century. This research has a bibliographic nature and a deductive method, based on authors such as Hansen (1995, 2013, 2017), Carvalho (2007), Augusto (1996) and Amora (2008), for its theoretical composition.

Keywords: Lettres Portugaises; critical eighteenth century; seventeenth-century letters.

LETTRES PORTUGAISES TRADUITES EN FRANÇAIS (1669): CRÍTICA DEL SIGLO XVIII Y ESTUDIOS RETÓRICOS Y POÉTICOS

RESUMEN

El presente artículo tiene por objeto traer a la luz la fortuna crítica dada a la narrativa epistolar *Lettres Portugaises Traduites en Français*, en contrapunto a la interpretación sobre los textos del período desarrollados por los Estudios Seiscentistas. Compuesta de cinco cartas figuran e informar, con carga dramática intensa, la pasión vivida por una monja portuguesa, llamada Mariana, y un oficial francés que sirvió en territorio portugués. En razón de la visión difundida por la crítica oitocentista o post-romántica, las figuras de la supuesta autora y de su personaje pasaron a formar parte del imaginario del lector, de modo que aún hoy la obra es leída como documento real. En cambio, la óptica seiscentista parte del principio que esas prácticas letradas mimetizan a los autores antiguos griegos y latinos, moldeándose a partir de ellos. Esta línea de estudios busca centrarse en el texto en sí, descartando los análisis basados en supuestos datos biográficos, observándola a partir de su contexto de producción, de la noción de género e intentando comprenderla como parte de las letras seiscentistas, siendo compuestas, por lo tanto, de acuerdo con los preceptos retórico-poéticos antiguos y modernos vigentes en el siglo XVII. Esta investigación tiene un carácter bibliográfico y un método deductivo, apoyado por autores como Hansen (1995, 2013, 2017), Carvalho (2007), Augusto (1996) y Amora (2008), en su composición teórica.

Palabras clave: Lettres Portugaises; la crítica oitocentista; letras seiscentistas.

INTRODUÇÃO

Publicada pela primeira vez em 1669, na França, a narrativa epistolar *Lettres Portugaises Traduites en Français*, *corpus* deste artigo, logo alcançou grande sucesso e se tornou símbolo da produção epistolar seiscentista. Essa obra é composta por cinco epístolas que figuram e relatam, com intensa carga dramática, a paixão vivida por uma freira portuguesa, de nome Mariana, e um oficial francês que serviu em território luso. Este teve que retornar à França, abandonando Mariana sem muitas justificativas, nem respostas às suas cartas. Tais correspondências descrevem toda a dor da freira diante da separação e traduzem seu sofrer. Desde sua publicação, a obra alcança notado prestígio: as ânsias, mágoas e desejos da personagem fizeram com que suas cartas fossem vistas como grande símbolo da dor de amar.

Quando publicados pela primeira vez, seu editor Claude Barbin considerou esses escritos anônimos. Porém, em meados do século XIX, eles foram colocados sob a rubrica de Mariana Alcoforado. Essa atribuição foi durante muito tempo questionada, e vários nomes, como Camilo Castelo Branco, dedicaram-se ao mistério das *Cartas Portuguesas*: teses se dispunham a atestar ou contestar a existência da autora e/ou veracidade do conteúdo.

Mariana Alcoforado nasceu por volta de 1640, na cidade de Beja, Portugal; fez parte, desde muito jovem até o final de sua vida em 1723, do Convento de Nossa Senhora da Conceição, da Ordem de Santa Clara, na mesma cidade. A ótica da crítica romântica atribuiu um caráter biográfico às *Lettres Portugaises*, dadas as coincidências dos nomes da suposta autora e personagem. No entanto, a obra foi lida em seu tempo como produção retórico-poética.

Desse modo, vale destacar que a base do pensamento seiscentista parte do conceito aristotélico de imitação, o qual prescreve que todas as artes se originam do exercício imitativo. As práticas letradas do século XVII buscam, assim, nos melhores poetas e oradores, antigos e modernos, modelos a serem emulados. A emulação

traz as *auctoritates* para perto, com o objetivo de com elas aprender e rivalizar.

LETTRES PORTUGAISES E O MISTÉRIO DA AUTORIA

Sobre a vida da freira Mariana Alcoforado, há poucas informações – o que, para alguns, configura-a como um mito, agregando encantamento ao que ela representa. Essa aura de mistério contribuiu para que autora e obra constituíssem suposta unidade, como se Alcoforado fosse, ou se confundisse com o que supostamente escreveu. Diversos estudiosos da literatura, ainda hoje, descrevem sua *persona* como produto de sua escrita; Fidelino de Figueiredo (*apud* AUGUSTO, 1996, p. 17), por exemplo, caracteriza fielmente esse ideal, descrevendo-a da seguinte forma:

A paixão deu ao natural talento desta mulher o dom excepcional de expressar com relevo e emoção cálida o mundo revolto da sua alma. Uma sensibilidade profunda e um poder excepcional para traduzir esses requintes de vibração e sentimento fizeram dessas cartas uma obra duradoura, em que se contém uma das mais poderosas análises introspectivas do delírio do amor. A desesperação do abandono, a lógica sentimental de tender para justificar o que se deseja, a voluptuosidade agridoce de gozar no sofrimento, o transporte de absorver toda personalidade no ente amado, as contradições constantes de quem só toma posições extremas e insustentáveis e se debate num incessante vai e vem, como havendo perdido o rumo no pego encapelado do sentimento, todo o delírio imaginoso de uma alma reduzida à imobilidade e à clausura, orgulhosa de haver ascendido a um cume excelso, donde avistou larga amplidão de ideal, a alternativa de querer ciosamente guardar no coração recordações da perdida felicidade, como tesouro vedado a almas vulgares, para logo fraquejar ante o penoso dessas memórias – todos os extremos doidejantes de uma alma rica de emotividade,

sem equilíbrio e sentido das realidades, tudo que uma paixão absorvente pode produzir, ali está expresso naquela história de um grande amor. O martírio do abandono, o inferno de amar já sem esperança e a desolação de quem entrevê toda uma vida de soledade e tristeza trespassam as cartas, não como a monotonia plangente das lamentações, mas em traços rápidos e incisivos, feitos de cobardia egoísta e de egoísmo orgulhoso.

Nesse trecho da *História Literária de Portugal*, o autor apresenta a sua visão e admiração por Alcoforado e seu legado. Nas *Lettres Portugaises*, a personagem, a todo momento, lamenta-se de seu sofrer e da ausência de seu amado; acusa-o de abandono e recorda, dolorosamente, os bens passados. Suas epístolas apresentam-se “agudas na análise de um drama interior, denso de sentimentos e com elevada temperatura passional” (AMORA, 2008, p. 144), e se configuram como representação da mais profunda paixão que possa ter habitado o Seiscentos.

Na apresentação da *editio princeps* da obra, Claudi Barbin diz ter conseguido aquelas traduções à custa de muito trabalho e afirma ainda desconhecer autor e tradutor das cartas, acrescentando que “J’ai vu tous ceux qui se connaissent en sentiments, ou les louer, ou les chercher avec tant d’empressement que j’ai cru que je leur ferais un singulier plaisir de les imprimer.”¹ (BRAY; LANDY-HOUILLON, 1983, p. 69), prenunciando o tema central da obra: a representação dos sentimentos humanos. No mesmo ano, 1669, foram publicadas outras duas edições: *Réponses aux Lettres Portugaises traduites en Français* e uma segunda parte de *Lettres Portugaises*, essa contendo sete cartas, ambas de autores desconhecidos (*Idem*, p. 10).

Um ponto importante, a ser observado a partir de preceitos retórico-poéticos, está no prólogo ao leitor dessa primeira edição, em que o editor das cartas afeta “humildade”, conforme prescreve o *topos* retórico da modéstia afetada, que objetiva a *captatio benevolentiae*, ou seja, “o processo de conquista da atenção e boa vontade do interlocutor para aquilo que se vai formular em seguida” (PÉCORA, 2018, p. 81). Isso sugere o efeito de verdade que a obra pretende alcançar.

Ainda em 1669, Pierre du Marteau, também livreiro, ao editar a obra, designava como destinatário o Cavaleiro de Chamilly e apontava Guilleragues como o tradutor, que passou, então, a ser visto como autor das cartas. Segundo Alberto Bento Augusto (1996, p. 8), apenas em 1810 o crítico francês Jean-François Boissonade, em um artigo do *Journal de L’Empire*, assegurou que em sua edição estaria manuscriturado o nome de Mariana Alcoforado, como autora, e o do Conde de Chamilly, como destinatário. Essas *Cartas Portuguesas* chegaram a Portugal em 1810, em traduções de Filinto Elísio, e, em 1838, foram novamente traduzidas por Morgado de Mateus.

Ainda que a existência de Alcoforado estivesse documentada, a autoria da obra não foi plenamente aceita. As teses opostas, a se prolongar em embate secular, disputavam a propriedade sobre a obra. A tese alcoforadista portuguesa dedicou-se a atestar a existência de Mariana e Chamilly, e a autenticidade das cartas; a francesa, por outro lado, buscou evidenciar Guilleragues como autor, principalmente devido ao privilégio real, cedido à obra na época, em que ele consta como tal (AUGUSTO, 1996, p. 14).

A tese alcoforadista, portuguesa, também chamada de “romântica” – tendo em vista o período literário em que ela começou a ser difundida e defendida – dispõe dos documentos de batismo e de morte de Mariana, além de outros que comprovam a presença de Chamilly em território lusitano. Ela defende que, durante o suposto período em que os personagens viveram, Portugal passava por intensos conflitos contra a Espanha, nas chamadas Guerras da Restauração (1640-1668), contando os portugueses com o apoio da França a partir de 1662, o que justificaria a presença do oficial francês em terras lusitanas (*Idem*, p. 9). Além disso, sugere-se que determinadas circunstâncias teriam proporcionado a aproximação dos dois amantes, através da intervenção do irmão de Alcoforado, também combatente no período; e estima-se que o relacionamento tenha durado de 1666 a 1667 (*Idem*, p. 12).

A tese francesa defende o argumento de que a autoria consistiria de um artifício literário, um jogo de *marketing* com vistas ao grande êxito da obra, pois se faz mais crível e comovente, para o público, a possibilidade de aqueles sentimentos tão intensos partirem de uma dor realmente

vivida. Como mencionado, essa argumentação baseia-se, sobretudo, no privilégio real parisiense dado a Guillera-gues, como autor da obra (*Idem*, p. 13). Ademais, ela propõe que Claude Barbin seja o próprio Chamilly (Amora, 2008, p. 224), visto que somente ele, como destinatário, poderia ter a posse das cartas.

Ambas as teses apresentam documentos que pretendem embasar o que advogam. Portanto, a respeito de *Lettres Portugaises* “só é possível ter uma certeza: a da sua existência” (AUGUSTO, 1996, p. 7). Para além de atestar ou contestar a veracidade da obra, disputava-se também a nacionalidade das tão famosas cartas. A grandeza e a fama desses escritos são tamanhas que, hodiernamente, a obra se faz presente na cultura francesa e portuguesa, tendo sido adaptada para o cinema e para o teatro. Ainda que seja relevante para situar o contexto de publicação das epístolas, tal discussão não é o foco deste trabalho, mas sim os procedimentos retórico-poéticos utilizados na composição da obra.

Contudo, cabe ainda lembrar que a fortuna crítica das *Cartas Portuguesas* supostamente compostas por Mariana Alcoforado ainda se revela insuficiente. Faz-se necessário destacar que a produção letrada monástica existiu em profusão no século XVII, principalmente de autoria feminina, possibilitando a existência de uma escrita conventual. De acordo com Magalhães (2008, p. 7), esses escritos, nascidos da clausura, variavam entre poesia, teatro, narrativa de ficção, apologética, alegórica, moral, mística, epistolografia, biografia, autobiografia, etc. Grande parte desses textos permanece no anonimato: “Trata-se de uma literatura que permaneceu fechada em bibliotecas ou nos próprios conventos, praticamente não reeditada depois do século XVIII.” Juana Inés de la Cruz, Violante do Céu, Madalena da Glória são alguns nomes que representam essas letras conventuais. A respeito de Alcoforado, sua figura foi absorvida por críticas subjetivistas e anacrônicas, pois a maioria dos estudos sobre a obra limita-se a aspectos biográficos desse aspecto, como no seguinte comentário de Figueiredo, no qual se sugere que, por estar apaixonada, a suposta autora pôde escrever mais eficazmente as cartas:

As *Cartas Portuguesas* são um exemplo da época, mas se diferenciam pelo amor radical,

cujas enunciação as transformou numa obra prima da literatura universal. A solidão, a ansiedade e a entrega sem exigências, total e absoluta, justificam e consagram o amor de Mariana como um símbolo do amor total. (*in* ALCOFORADO, 2016, p. 12)

Como já mencionado, presentemente, muitos teóricos apresentam a biografia da autora ligada ao conteúdo das cartas, bem como as dúvidas e questões que as circundam, classificando a obra como biográfica. Como exposto, a tese portuguesa é a mais difundida nos estudos de hoje; porém, atribui uma noção romântica aos escritos. Deve-se ter em mente que o caráter biográfico atribuído às *Lettres Portugaises*, devido às coincidências dos nomes da suposta autora e da personagem, não pode ser tomado como único. Ainda que, de fato, Alcoforado tenha existido, e que historiadores afirmem a efetividade do romance, ou seja, que as cartas publicadas fossem desabafos da freira, não é seguro apoiar-se nesta visão subjetivista impingida à obra, como se ela fosse retrato ou confissões da autora.

Portanto, propõe-se historicizar as *Cartas Portuguesas*, situando-as no seu tempo de produção, isto é, o século XVII. Como observado por Alcir Pécora (2001, p. 13), “os objetos literários constituem-se como argumentos a favor de uma concepção em que o ‘real’ de que se pode falar é, também, em larga medida, a ilusão compartilhada dos seus efeitos persuasivos”.

A HISTORICIZAÇÃO DO SÉCULO XVII

Seria importante explicar brevemente a perspectiva dos estudos retóricos e poéticos em torno dos textos produzidos nos séculos XVI a XVIII. As produções letradas do Seiscentos, em particular, ainda são objeto de pré-julgamentos acríticos, e costumam ser classificadas como se se tratasse de textos repletos de exageros e extravagâncias e, por isso, cunhados pejorativamente como “barrocos”. Porém, pesquisas recentes têm mostrado a qualidade e a importância das letras seiscentistas. Essas práticas letradas mimetizam, sobretudo (mas não só), os autores antigos gregos e latinos, moldando-se, então, a partir deles. Para melhor entender a ótica que rege os estudos que se dedicam a deslindar essa centúria, é pre-

ciso historicizar esse tempo passado, retomando suas fontes letradas e esclarecendo seus pressupostos.

Segundo João Adolfo Hansen (2008, p. 171), no século XIX, foi atribuída ao Seiscentos a nomenclatura “Barroco”, caracterizado como rebuscamento, contraste, confusão, mau gosto, etc. A crítica romântica impôs sua visão e seu próprio tempo ao caracterizar o passado, numa tentativa idealista de “coleccionar borboletas em gavetas previamente classificadas” (*Idem*, p. 169), etiquetando as letras produzidas anteriormente. Essa classificação se fez de maneira dedutiva e irresponsável, pois, na busca por “homogeneizar o passado para ajustá-lo aos olhos do presente” (TEIXEIRA, 2003, p. 138), propõe interpretações que não condizem com o século XVII. O termo “Barroco” nasceu pelas mãos de Heinrich Wölfflin, na obra *Renaissance und Barock* (1888), e se refere a determinados estilos pictóricos dos séculos XVI e XVII, nos quais predomina um acúmulo de massa e confusão de cores, sendo por Wölfflin caracterizados como confusos e imprecisos (HANSEN, 2008, p. 170). Essa visão foi ampliada e atribuída, analogicamente, às outras artes do período.

Além disso, a concepção romântica em Portugal decorreu, em parte, das reformas realizadas pelo Marquês de Pombal no século XVIII – que condenou e combateu as práticas culturais seiscentistas, atreladas ao aristotelismo e difundidas, principalmente, pelos jesuítas. Dessa maneira, as letras do século XVII foram associadas ao “doloroso sistema de ignorância artificial” (HANSEN, 2002, p. 22) e, em particular, “la retórica fue descalificada radicalmente como instrumento persuasivo próprio de los privilegios del Antiguo Régimen, que se combatia” (HANSEN, 2004, p. 113), sendo igualmente desqualificadas as artes baseadas na Retórica.

Essa (des)classificação do “Barroco” condena todo um período e tem impedido que sua riqueza seja mais bem conhecida e reconhecida.

Para que a definição e o uso do termo fossem pelo menos aceitáveis, seria necessário que características ditas “barrocas” especificassem todas as obras de uma série determinada e

apenas a elas; no entanto, as séries classificadas como “barrocas” são bastante diversas e diferentes de lugar para lugar, de autor para autor, e, principalmente, de uma arte para outra e mesmo de obras para obras de um mesmo autor, de modo que características formais propostas como específicas de “barroco”, quando a noção se aplica às representações do século XVII, não passam de generalidades formuladas como deduções e analogias [...] (*Idem*, p. 171).

Empregar o termo “barroco” e outros adjetivos a ele ligados para se referir ao século XVII e as artes do período trata-se de anacronismo, um “mecanismo que não diz respeito apenas à defasagem temporal, conforme demonstra a etimologia da palavra (*ana-cronos*). Uma abordagem anacrônica é ‘fora do tempo’, mas também implica um exercício ‘fora do lugar” (CARVALHO, 2011, p. 280). Como explicado pela autora, a *anacronia* se dá pela atribuição de conceitos ou características que não condizem com o tempo e o espaço estudados.

A natureza desses estudos retóricos e poéticos se propõe a “descrever sentidos básicos de alguns escritos importantes, produzidos entre os séculos XVI e XVII, a partir do exame de procedimentos previstos e aplicados pelas convenções letradas em vigência no período em questão” (PÉCORRA, 2018, p. 12).

Ainda a respeito das questões terminológicas, o presente trabalho adota o termo Seiscentismo, já referido:

[...] uma maneira de mostrar que, embora a maior parte [da produção retórico-poética seiscentista] tenha sido, provavelmente, composta no século XVII na Península Ibérica e nas Américas Espanhola e Portuguesa, o que se visa destacar, mais do que a data e o local exatos de produção dos poemas, é a predominância de modelos e procedimentos poéticos comuns. (LCHAT, 2018, p. 57)

Dessa maneira, para entender apropriadamente as letras seiscentistas, “é preciso ter como pressuposto

sua sistematização a partir de retóricas e gramáticas da Antiguidade grega e da tradição latina” (CARVALHO, 2007, p. 20), instaurados como princípios basilares das artes retórico-poéticas do século em questão.

Esses estudos buscam estabelecer as relações entre a história do escrito e a (atualmente denominada) “literatura” (CHARTIER, 2010, p. 18), respeitando e reafirmando os pressupostos coevos a cada tempo específico. Em suma, a compreensão plenamente histórica da “literatura” implica preocupar-se com as leituras contemporâneas do próprio texto e romper com a tradição da crítica literária que supõe uma relação direta entre o texto antigo e o crítico contemporâneo (NAVARRETE, 2011, p. 38). Essa perspectiva se faz essencial ao desenvolver tais estudos, pois alcança a compreensão profunda de determinado momento histórico. O século XVII é repleto de especificidades e “ao invés de se decifrar a escrita em seu suposto fundo, se deslinde sua superfície, porque ‘o espaço da escrita percorre-se, não se perfura’ (BARTHES *apud* NAVARRETE, 2011, p. 52).

Mais ainda: “o escrito é transmitido a seus leitores ou auditores por objetos ou vozes, cujas lógicas materiais e práticas precisamos entender” (CHARTIER, 2010, p. 14). O historiador francês esclarece também que cada tempo imprime em seus escritos, autores e leitores distintas particularidades, e é necessário conhecê-las para compreender sua produção letrada e sua história. Por conseguinte, as funções, finalidades e usos dos textos se fazem igualmente distintos (NAVARRETE, 2011, p. 28), de modo que a construção de sentido, tendo por base a história, dá-se pela reconstrução das representações e apropriações culturais. As categorias anacrônicas e/ou insuficientes da historiografia literária prejudicaram a realização de uma abordagem plenamente histórica da literatura, impondo uma concepção abstrata e universal de texto, leitor e autor (*Idem*, p. 25).

As representações e as apropriações propostas pelos estudos retóricos e poéticos não partilham do significado romântico do termo “representação”, como se representar produzisse um “reflexo”. “O ‘texto’ poético e o ‘contexto’ histórico estão irreversivelmente ligados.

Estão ambos condenados à criação de efeitos que não são ‘o real’ que se está disposto ou obrigado a admitir neste tempo” (PÉCORA, 2018, p. 15). Ao texto seiscentista somente é aceitável o uso de tais terminologias, “representação” e “reflexo”, quando se referem ao caráter processual, a um escrito como exercício dos preceitos coevos a ele. Trata-se apenas de “operação particular de recursos de gêneros historicamente disponíveis, capazes de produzir efeitos de reflexo e representação, sejam de conteúdos, seres ou substâncias” (*Idem*, p. 13); ou seja, é representação enquanto traduz e exercita os preceitos de seu tempo.

O “real”, mencionado por Pécora, é tão somente aquilo que é construído pelos que falam dele como verossímil. O autor também ressalta que não se pode tomar a literatura somente como documentação “conteudística” da realidade nem como histórica, pois “a ficção que produz quer demonstrar que aquilo que ela tem de convenção e artifício é exatamente o mesmo que tem de produto histórico” (*Idem*, p. 16).

Outro anacronismo ainda presente, ao se falar das práticas letradas do século XVII, refere-se à noção de autoria e propriedade. Como é sabido, durante o período houve intensa produção poética; mas, atualmente, pouco se conhece desses escritos, pois grande parte foi perdida ao longo do tempo. Dos vários textos do Seiscentos, muitos não eram assinados por seus autores e circulavam em folhas avulsas pelas cortes. Assim, ainda que tivessem a posse de seus poemas, os poetas não tinham sua “propriedade”, entendendo-se esse termo de acordo com os atuais direitos autorais. Não havia controle efetivo das apropriações, e as imitações e atribuições aconteciam profusamente (HANSEN 2002, p. 46).

A despeito do que se postula, “Barroco” é também “clássico”, pois imita, conserva e prolonga a tradição da Antiguidade greco-latina. As letras seiscentistas se constroem a partir das artes retóricas e poéticas antigas. Essas questões conduzem a outro frequente anacronismo da historiografia literária romântica e pós-romântica: a suposta falta de “originalidade” nos escritos seiscentistas. Visto que o pressuposto dos textos pro-

duzidos no século XVII era imitar os melhores autores, antigos ou modernos, não havia de fato essa ânsia por novidade, por algo original. “A originalidade e a inovação não resultam do simples abandono da tradição, mas de um jogo astuto com os elementos dela.” (ACHCAR, 2015, p. 38). As artes eram produzidas por imitação.

Durante todo esse período, proliferam em Portugal discursos [...] que terminam por formar um conjunto preceptivo de discursos normativos cujo fim é atualizar na linguagem e cultura dos homens discretos portugueses o funcionamento de conceitos e artifícios disponíveis à composição de seus discursos. (CARVALHO, 2007, p. 23)

Desse modo, durante o Seiscentos, “as preceptivas fazem proveito dos conceitos dos gêneros antigos e modernos, mas, de modo geral, reduzem a doutrina a regras gerais, normas compositivas e técnicas a serem aplicadas, praticamente, a todas as tópicos” (*Idem*, p. 165). Os gêneros poéticos, por exemplo, mencionados por Aristóteles, tinham se expandido e formado novos gêneros no século XVII; porém, ainda contavam com as preceptivas antigas, adequando-as, evidentemente.

Assim sendo, é válido destacar que “os diferentes gêneros retórico-poéticos dos vários textos estudados não são formas em que se vazam conteúdos externos a elas, mas determinações convencionais e históricas constitutiva dos sentidos verossímeis de cada um desses textos” (PÉCORA, 2018, p. 11). Por isso, aos textos seiscentistas, resultantes de princípios convencionais de seu tempo, não são verossimilmente atribuíveis conceitos, análises e interpretações que não condizem com as convenções vigentes no período.

Além disso, é preciso elucidar o uso do vocábulo “Literatura”, ausente na tratadística do período aqui estudado. Aristóteles, na *Poética*, aponta a falta de um termo único que se referisse às *mimeses* por meio da linguagem. Segundo Teixeira (2003, p. 140), o termo nasceu no fim do século XVIII na França e na Alema-

nha, com o sentido de designar o conjunto de textos que imitam ou representam as paixões por meio da palavra, com sensibilidade e imaginação. Como ainda aponta o autor, atualmente a teoria literária compreende que a Literatura compõe sua ficção à medida que traduz um conceito de realidade. De forma que “literatura não seria sequer imitação da vida nem de paixões, mas de discursos existentes sobre elas” (*Idem, ibidem*); isto é, ela imita determinadas práticas sociais que são entendidas como personificação intelectual de discursos vários, sem deixar de ser também uma prática social discursiva. Em suma:

A noção de literatura é própria ao universo de modernidade das artes, posterior ao século XVIII. Por ela, conceitos como os de subjetividade e expressão do eu, direitos autorais, originalidade e liberdade criadora suplantam ou mesclam-se a ordens retóricas antigas como lugar-comum, imitação, autoridade e autoria, “novidade” combinatória, agudeza. (CARVALHO, 2011, p. 271)

Enfim, para que haja uma compreensão histórica das letras seiscentistas, deve-se ter em conta que “o estudo da poesia deve implicar não apenas a produção do discurso poético em si, mas também as causas e efeitos de sua construção, na conformidade ainda das circunstâncias de sua emissão e recepção públicas” (CARVALHO, 2007, p. 20). Portanto, para se compreender uma obra do século XVII, é preciso ter em conta o conjunto de discursos preceptivos empregado em sua composição, as causas, os significados e os efeitos.

Segundo João Adolfo Hansen, os letrados, principalmente os seiscentistas, mostram-se “conhecedores das muitas medidas diferenciais dos muitos estilos dos muitos gêneros” (HANSEN, 2013, p. 40), dada a importância do repertório dos antigos e a adequação destes aos gêneros coevos. Esse vasto conhecimento sobre os preceitos técnicos que envolvem os estilos e gêneros presentes no Seiscentos demonstra uma notável riqueza letrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível notar a importância da obra *Lettres Portugaises Traduites en Français* para os estudos retóricos e poéticos: a problemática da autoria e sua construção retórico-poética permanecem sendo um rico campo para investigações. Tanto sob a perspectiva seiscentista como para a romântica e pós-romântica, essas epístolas atribuídas a Mariana Alcoforado descrevem um amor profundo e avassalador, a dor da saudade e a mágoa do abandono – sejam esses afetos reais ou construídos retoricamente.

De acordo com os estudos retóricos e poéticos, devem-se observar o decoro do gênero e a verossimilhança da matéria narrada e do éthos da personagem. Por isso, mesmo que as hipóteses propostas pela tese francesa, ou pela portuguesa, sejam aparentemente condizentes com os assuntos das *Cartas Portuguesas*; que se relacionem a fatos supostamente “reais” do período; e que documentem a existência da freira Mariana Alcoforado, são apenas suposições sobre esses escritos retórico-poéticos seiscentistas.

NOTAS

1 “Tenho visto em todos aqueles que conhecem esses sentimentos, ou os louvam, ou os procuram com tanta ansiedade, que achei que seria um prazer singular imprimi-los.” (tradução minha)

REFERÊNCIAS

- ACHCAR, Francisco. *Lírica e Lugar-comum: alguns temas de Horácio e sua presença em português*. São Paulo: Edusp, 2015.
- ALCOFORADO, Mariana. *Cartas Portuguesas*. Trad.: Alberto Bento Augusto. São Paulo: Núcleo, 1996 [Org. Célia A. N. Passoni].
- AMORA, Antônio Soares. *Era Clássica*. 8ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008.
- BRAY, Bernard; LANDY-HOUILLON, Isabelle. *Lettres portugaises. Lettres d'une Peruvienne et autres romans d'amour par lettres*. Paris: Flammarion, 1983.

CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de. *Poesia de Agudeza em Portugal*. São Paulo: Humanitas Editorial; Edusp; Fapesp, 2007.

HANSEN, João Adolfo. Notas sobre el Barroco. In: *Revista de Filologia Revista de Filología de la Universidad de la Laguna*, nº 22, pp. 111-131, 2004. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/1056849.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

HANSEN, João Adolfo. Barroco, Neobarroco e Outras Ruínas. In: *Destiempos*, nº 14. Revista Destiempos. México, Distrito Federal, 2008. Disponível em: <<http://www.destiempos.com/n14/hansen2.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

_____. Instituição Retórica, Técnica Retórica, Discurso. In: *Matraga*, nº 33. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, pp. 11-46. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/19759>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

_____. Práticas Letradas Seiscentistas. In: *Discurso*, nº 25. Revista do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, pp. 153-183. São Paulo, Discurso Editorial, 1995. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37998>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

LCHAT, Marcelo. Estilo lírico e conceito no século XVII: considerações acerca de preceptivas retórico-poéticas. In: *Letras Escreve*, nº 1, pp. 27-44. Macapá, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/1379>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. *História e Antologia da Literatura Portuguesa: Século XVII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

PÉCORA, Alcir. *Máquina de Gêneros*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2018.

A AUTORA

Érica Araujo da Costa é Graduada em Licenciatura Plena em Letras Português, pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Desenvolve projeto de Mestrado em Estudos Literários, pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: erica.arajocosta96@gmail.com. ORCID: 0000-0002-3343-816X

